

Um camarote com para a praça da rev

Comandante da fragata que esteve frente ao Terreiro do Paço não ter constituído ameaça porque as peças estavam

ALEXANDRA INÁCIO

Diz-se que foi o momento de maior tensão, aquele em que o regime poderia ter neutralizado a revolução. Mas não foi. E como a história, por vezes, se desenrola sem rumo e controlo os factos aparecem-nos inquestionáveis. Pura ficção. Frente à revolução que se delineava no Terreiro do Paço com os tanques do capitão Salgueiro Maia a tomarem o Ministério da Marinha, encontrava-se numa posição de "camarote" a fragata Almirante Gago Coutinho. O comando de operações, na Pontinha, foi surpreendido com o facto e temeu. Se o navio fizesse fogo tudo poderia estar perdido. O JN ouviu António Seixas Louçã, o comandante da Almirante Gago Coutinho 26 anos depois daquela manhã de Abril.

"Nunca dei ordem de combate. Nunca as peças estiveram guardadas com pessoal para as utilizar. Nunca estiveram carregadas com munições. Ordenei desde o início a elevação das peças para a posição máxima vertical". Da fragata parecia-lhe conseguir identificar algumas pessoas na praça. "Assisti à revolução de camarote", disse, afirmando que "a sua única opção foi defender o navio e os seus homens".

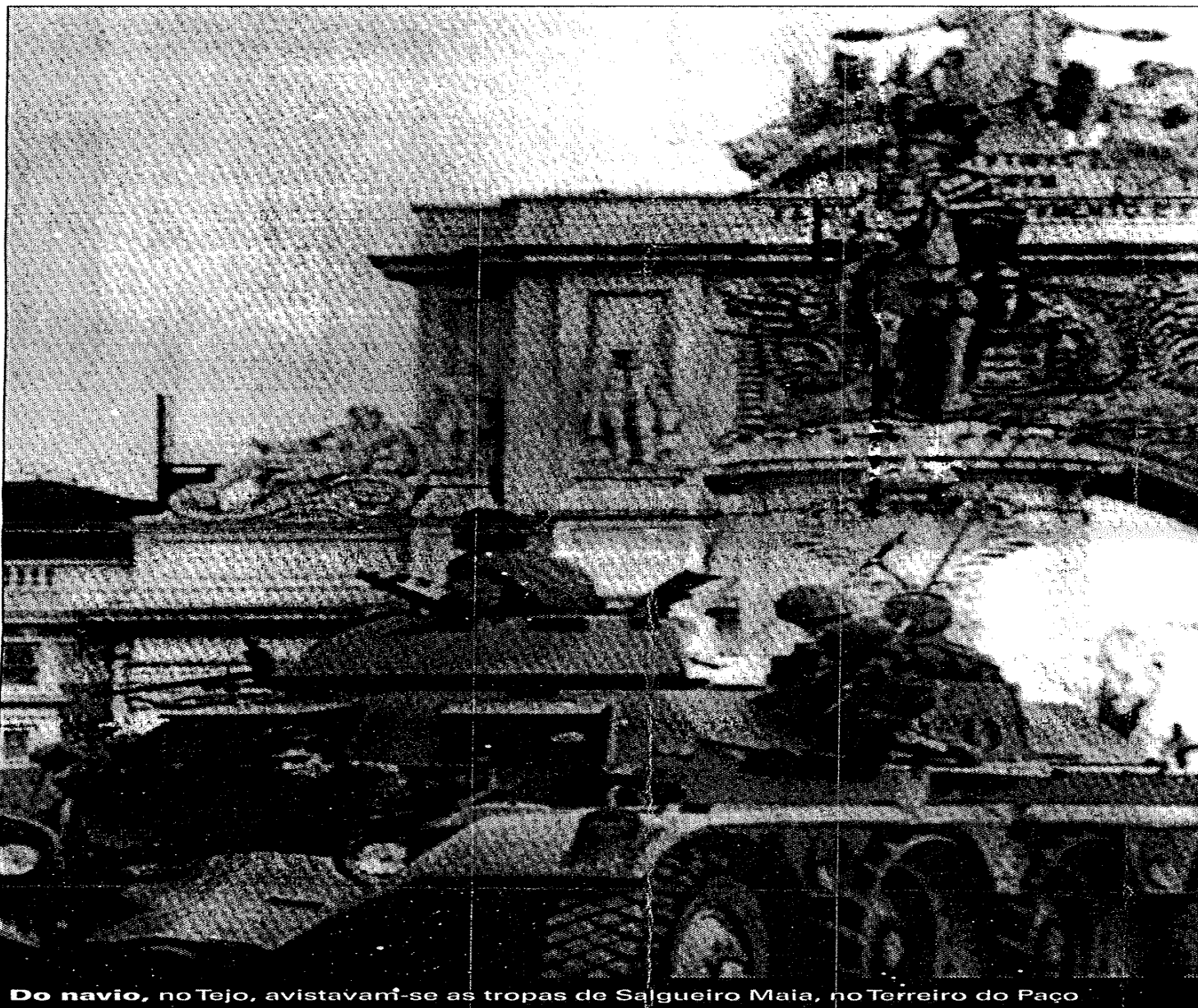
Salgueiro Maia só deu pela presença do navio por volta das 9 horas mas a fragata chegou ao local antes das 8. Tinha partido às 7 horas do Alfeite para um exercício internacional da OTAN. Quis o destino que não cumprisse a missão que lhe tinha sido atribuída no momento da partida.

Ordens não cumpridas

Às 7 e 30 horas quando passava por baixo da ponte para sair da barra, o comandante António Seixas Louçã recebeu ordem do almirante Malheiro Garcia para voltar para trás e se colocar em frente do Terreiro do Paço. Sem mais explicações. Dez minutos depois o navio estava frente à Praça. "Não sabia o que se estava a passar", garantiu ao JN o comandante, ao lembrar a manhã lhe mudou a vida. Do Estado Maior da Armada recebeu então ordem para fundear. Não cumpriu. "Era impossível. O rio estava cheio de navios naquela manhã. Era um perigo", explicou. Uma hora depois já os restantes navios se tinham afastado e a fragata ficou sozinha. Foi nesta altura que Salgueiro Maia deu por ela e comunicou a sua posição ao comando de operações do movimento, na Pontinha.

Depois veio a segunda ordem que também não cumpriu: preparar para fazer fogo. Preparar e fazer são duas ordens distintas, salientou. "Afastei-me um bocado e mandei por as peças em elevação máxima. Assim nunca poderia apontar para qualquer alvo em terra, mas pelo visto ninguém percebeu ou viu", afirmou.

Por volta das 11 horas foi rece-



Do navio, no Tejo, avistavam-se as tropas de Salgueiro Maia, no Terreiro do Paço

bida nova comunicação do EMA: a ordem era para se fazer tiros de exercício para o ar. "Dores de Sousa vamos fazer dois tiritos para o ar", foram as palavras que Seixas Louçã dirigiu ao chefe de serviço de artilharia. Depois de ter sido alertado para a possibilidade de ser atingido pelos tanques de Salgueiro Maia, pelas armas do Forte de Almada e as instaladas no Cristo-Rei, o comandante teve que pensar na defesa do navio. "Comecei por não fazer nada. Dei a volta devagar pelo Poço Bispo e antes de passar segunda vez frente ao Terreiro do Paço a ordem foi anulada directamente pelo EMA". A velocidade do navio foi aumentada e a rota passou-se a fazer em círculos, tudo para a fragata não se tornar um alvo fácil.

Pouco depois o imediato Caldeira Ferreira dos Santos foi chamado à cabine de TSF para atender uma chamada em fonia: "Daqui fala um oficial de Marinha pertencente ao Movimento das Forças Armadas", lê-se no Auto de Averiguações feito em 1976 pelo Almirante Santos Silva. A ordem vinda do MFA era para o navio baixar as peças e abandonar a barra. Seixas Louçã recusou-se. Sair da barra poderia tornar o navio num alvo ainda mais fácil, além de que o comandante se recusou a obedecer a "um comando que desconhecia".

O sargento Augusto Marques também estava presente na cabine na altura da comunicação. "O imediato Caldeira Santos manifestava sinais de nervosismo evi-

dentos, sem saber o que era o oficial do Movimento. Escrevi que empurrei o navio para uma resposta, caso contrário ele não se tinha decidido. Ihes que o navio não fará o quê", pode ler-se num documento do sargento em 1981. O JN teve acesso.

Segundo o comandante imediato dirigiu-se então à ponte onde se encontrava Seixas Louçã. "Lhe comunico o sucedido. Não foi uma comunicação directa do Movimento", teria que o comandante que "O que é o Movimento? O Movimento", foi a resposta que recebeu.

Seixas Louçã sempre afirmou não ter conhecimento de que se estava a pas-